

“Pra ensinar meus camarada”: juventudes, periferias e uma pedagogia de vagalumes

“To teach my comrades”: youth, peripheries and a pedagogy of fireflies

Carlos Bonfim^a 

Resumo Se durante a maior parte de nossa história, periferias e favelas foram percebidas e sobretudo produzidas pelo prisma da carência, as últimas décadas têm se caracterizado por uma mudança substancial nas abordagens a esses territórios. As dinâmicas que se vivem nesses chamados subsolos sociais de nossas cidades, bem como o modo como as/os próprias/os habitantes desses territórios se percebem e se posicionam no mundo têm colocado em xeque os diversos estigmas a partir dos quais eram lidos aqueles territórios e quem ali habita. Tendo como base um mapeamento de iniciativas juvenis em arte e comunicação nas periferias de Salvador, Bahia, este artigo propõe uma aproximação ao trabalho que vem sendo realizado por essas juventudes cujas intervenções dão conta de uma vigorosa e potente ofensiva cultural, mais que reativas resistências.

Palavras chave Juventudes. Periferias. Artes. Emancipações. Pedagogias

Abstract *While for most of our history, peripheries and favelas have been perceived and above all produced through the prism of deprivation, the last few decades have seen a substantial change in approaches to these territories. The dynamics that take place in these so-called social subsoils of our cities, as well as the way in which the inhabitants of these territories perceive themselves and position themselves in the world, have called into question the various stigmas from which these territories and those who live there used to be read. Based on a mapping of youth initiatives in art and communication on the outskirts of Salvador, Bahia, this article proposes an approach to the work being done by these young people whose interventions show a vigorous and powerful cultural offensive, rather than reactive resistance.*

Keywords Youth. Peripheries. Arts. Emancipation. Pedagogies

^a Doutor em Integração da América Latina pelo Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM/USP). Atualmente é professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia e coordena o projeto de pesquisa e de extensão Rede ao Redor (www.redeaoredor.com.br). E-mail: carlos.bonfim@ufba.br

BAIRROS DA BALA (E AS SALAS DE AULA...)

Periferias, vielas, cortiços

Você deve tá pensando o que você tem a ver com isso...

(Racionais)

São quase nove da noite. Oficialmente, a aula terminaria às 22h10. Mas por volta das 21h já é possível perceber a movimentação: a essa hora há estudantes que se preparam para ir embora. São pessoas que moram em bairros periféricos e que explicam: meu ônibus passa ali na orla daqui a pouquinho. Se eu perder esse, preciso esperar até umas 22h30, quando passa o último ônibus. Com esse das 22h30, chego em casa por volta da meia-noite. É arriscado chegar no bairro a essa hora. E já aconteceu de eu esperar e esse último não passar...

Não é literal o diálogo. Mas dá conta de uma cena que se repete cotidianamente nos cursos noturnos em que trabalho na Universidade Federal da Bahia, em Salvador. E que se repete também, sabemos, em diversas outras cidades do país. Junto ao receio de perder o ônibus, há o temor de assalto, o temor da violência; há o temor de transitar tarde da noite por ruas vazias e mal iluminadas; há o temor do toque de recolher decorrente, por exemplo, dos embates entre facções criminosas – ou destas com a polícia. Há medo.

Também nos fins de semana a situação se repete: aquelas/es estudantes e as demais pessoas que moram em bairros periféricos raramente conseguem acompanhar a agenda cultural da cidade, particularmente aquelas atividades que acontecem à noite. Sabem que não contarão com transporte público para voltar para casa a essa hora. Afinal, quem pode efetivamente usar a cidade? Transitar por ela? Quem tem direito à cidade?¹

Esta não é, como se adverte, uma questão que se limita à mobilidade urbana. Entre as diversas interdições com as quais precisa lidar quem habita bairros periféricos, há, sabemos, diversas “barreiras visíveis e invisíveis [que] atuam juntas para reforçar a segregação socioespacial existente nas grandes cidades.” (Silveira, Borda, Rocha, 2022, p. 23)

E, além destas, há ainda uma série de questões dramáticas relacionadas à segurança pública – que, por óbvias razões, hoje vem repercutindo também em outros territórios que não os periféricos. Para ficar apenas no recorte proposto por

¹ E de que forma as universidades (e demais espaços educativos) consideram essas realidades? De que maneira estas questões estão presentes em nossas agendas como educadoras/es? Estas são também perguntas que inspiram e guiam este trabalho.

este dossiê, o caso específico das juventudes negras é estarrecedor. A considerar as funestas estatísticas sobre crimes violentos letais e intencionais (CVLI),² esses parecem ser corpos que valem menos... Isto é o que se lê a cada nova edição do Atlas da Violência, por exemplo. (Cerqueira; Bueno, 2024, p. 129)³ Embora se saiba que há nesses dados, além das subnotificações, uma quantidade considerável das chamadas “mortes ocultas”, dos números apresentados no Relatório publicado em 2024 (que traz dados de 2012 a 2022), 76,5% das vítimas de homicídio no Brasil são pessoas negras. Deste universo, 49,2% é de jovens de 15 a 29 anos. Ou seja, no intervalo que vai de 2012 a 2022, o Brasil atingiu a cifra de 321.466 jovens vítimas da violência. E a maior parte deles, negra e oriunda de bairros periféricos.

Também os dados divulgados pelo Fogo Cruzado⁴ dão conta da escalada da violência no país. No que se refere especificamente à Bahia, o relatório apresentado em janeiro de 2025 informa que foram registradas 141 vítimas decorrentes da violência armada apenas naquele mês: 111 pessoas mortas e 30 feridas. Não é casual, portanto, que a Bahia ocupe há alguns anos o pouco honroso posto de primeiro estado mais violento do país.⁵

Deste modo, do exposto até aqui, não há dúvida de que as cidades brasileiras vêm experimentando uma escalada dramática na intensificação das violências. E, como vimos acima, as juventudes das periferias seguem sendo o alvo preferencial dessas violências. Ou, para dizê-lo pela voz dos Racionais em “Pânico na Zona Sul”, “só quem é de lá sabe o que acontece” (Racionais, 1991).

Mas que mais acontece nas periferias? Que mais há para além desse longo e nefasto processo de criminalização da pobreza, dessa profusa produção de estigmas, dessa degradação orquestrada, dessa “fantástica fábrica de cadáveres”⁶, desses

2 Criada em 2006 pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça (SE-NASP), esta é uma categoria com a qual se busca “agregar os crimes de maior relevância social. São considerados como CVLI os crimes de homicídio doloso, incluindo-se o feminicídio, a lesão corporal seguida de morte e o latrocínio.” (Brasil, 2021, p. 8)

3 O Atlas da Violência é o resultado da colaboração entre o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Foi criado em 2016 e apresenta a cada ano informações diversas sobre violência no Brasil. Os dados apresentados aqui estão disponíveis em Cerqueira; Bueno, 2024.

4 Fogo Cruzado é um instituto que produz indicadores sobre a violência armada em cidades brasileiras. Os dados são obtidos via aplicativo e disponibilizados em sua plataforma digital.

5 Vale destacar ainda que parte expressiva dessas mortes está relacionada à elevadíssima letalidade policial no país. De acordo com o boletim “Pele alvo: a bala não erra o negro”, publicado em 2024 pela Rede de Observatórios da Segurança, do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, vinculado à Universidade Cândido Mendes, de 2019 a 2023, a Bahia teve um aumento de 161,8% nas mortes registradas nesse período. Isto significou um salto de 650 para 1.702 vítimas fatais. (Ramos, 2024, p. 5)

6 “A fantástica fábrica de cadáver” é nome de um rap que dá título ao CD (2014) do rapper, escritor e ativista paulistano Eduardo Taddeo (MC Eduardo), ex integrante do Facção Central, outro dos icônicos grupos de rap surgidos no final da década de 1980.

números que sugerem uma política que tem contornos de genocídio de nossas juventudes (negras e periféricas, prioritariamente)?

Estas são algumas das perguntas que nos fazemos cotidianamente tanto em nossas aulas, quanto em nossas pesquisas e projetos de extensão – e, claro, na maior parte do âmbito de nossas vidas. Afinal, os versos dos Racionais na epígrafe acima não são mera retórica. Mas bem antes de nós, coletivos de jovens moradoras/es de bairros periféricos já vinham formulando indignadas/os estas mesmas questões. Ora, se grupos hegemônicos de comunicação se habituaram a fomentar e a cristalizar estigmas sobre essas juventudes e sobre esses territórios,⁷ jovens desses mesmos bairros começaram a se organizar para difundir notícias outras sobre as periferias. De dentro para fora. E no processo, colocam em xeque abordagens como as que se referem a esses territórios como “bairros da bala”⁸, por exemplo. Ante coberturas calcadas em estereótipos que derivam em estigmas, praticam uma “comunicação com CEP”, tal como apontado em Bonfim e Hercog (2019): são inúmeros os coletivos de comunicação criados e liderados por jovens moradoras/es de bairros periféricos que - embora conectados a muitas outras latitudes - vêm atuando em seus respectivos territórios numa abordagem que se diferencia em muito dos sensacionalismos nossos de cada dia. Longe de romantizações, se empenham em contar algumas das muitas outras histórias que há pelas periferias.⁹

São coletivos que, na contramão de quem venera distopias, tecem comunidades, praticam pedagogias, disseminam esperanças. São, enfim, iniciativas que ampliam e complexificam as leituras e as narrativas possíveis sobre as periferias

7 Destaque especial aqui para programas de TV como “Cidade Alerta”, “Linha Direta”, “Brasil Urgente”, “Balanço Geral” e “Alô, Juca, assim como outros tantos similares que, sob a alegação de fazer jornalismo policial, espetacularizam e banalizam a violência. E com isso, não apenas contribuem com a perpetuação de estigmas, mas contaminam também a percepção que os próprios moradores têm sobre aqueles bairros e seus habitantes - que terminam muitas vezes por reproduzir, sem perceber, tais estigmas e clichês.

8 Em sintonia com a corriqueira produção de reducionismos, o Jornal Correio emprega essa expressão (“bairros da bala”) na manchete de uma matéria na qual se abordam episódios de violência em bairros de Salvador: www.correio24horas.com.br/minha-bahia/bairros-da-bala-fazenda-grande-do-retiro-e-paripe-sao-regioes-mais-violentadas-do-1-semester-de-salvador-0724

9 E além de coletivos dedicados à produção de notícias sobre as periferias pelo prisma de quem habita e/ou transita cotidianamente por ali, há também diversas iniciativas idealizadas por jovens interessadas/os em fotografia que produzem o que o coletivo Mídia periférica batizou de Postais das Periferias (<https://educacaoeterritorio.org.br/arquivo/a-periferia-retratada-em-cartoes-postais-campanha-virtual-mostra-as-belezas-das-favelas-de-salvador/>). Seguindo essa mesma trilha, Anderson Simplicio, morador do Subúrbio Ferroviário de Salvador, criou a página Belezas do Subúrbio (www.instagram.com/belezas.suburbio/) a partir da qual apresenta imagens outras sobre a região; e, também a partir do Subúrbio Ferroviário, o Coletivo Cutucar (www.instagram.com/coletivocutucar/) desenvolve uma série de ações: exposições fotográficas com intervenções poéticas, a exemplo do projeto Mocambos Marginais, além de oficinas de fotografia e audiovisual para crianças e jovens do bairro.

e sobre quem ali habita. São gestos que, para além das diversas e tantas adversidades, permitem advertir mundos em movimento. É o que discuto a seguir a partir do mapeamento que realizamos desde 2016 junto a coletivos de arte e de comunicação nas periferias de Salvador.

REDE AO REDOR: INICIATIVAS EM ARTES E COMUNICAÇÃO NAS PERIFERIAS

*Quando a noite é mais profunda,
somos capazes de captar o mínimo clarão [...]. Ainda que tênue.
(Didi-Huberman)*

Rede ao Redor é grupo de pesquisa e de extensão que nutre e subsidia ensino e outras diversas ações que temos realizado ao longo destes últimos anos, prioritariamente nas periferias de Salvador. É espaço de acolhimento e de aprendizagens, espaço de trocas e também lugar a partir de onde intervir no mundo. É aquilombamento. É território onde buscamos apre(e)nder (d)o mundo. Para – como nos recorda a canção – ensinar as/os camaradas.¹⁰

Institucionalmente, Rede ao Redor surgiu em 2016 como um projeto vinculado ao Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É formado por docentes, estudantes de graduação e de pós-graduação, além de contar também com integrantes dos próprios coletivos. O propósito: realizar um mapeamento de iniciativas juvenis em arte e comunicação nas periferias de Salvador.¹¹ A partir do mapeamento, temos buscado ampliar e consolidar as trocas tanto entre a Universidade e aqueles coletivos quanto entre os próprios coletivos. Isto como parte de uma escolha, mas sobretudo como uma incontornável e urgente agenda de trabalho: praticar escutas sensíveis do que ocorre à nossa volta, implicar-nos, produzir contranarrativas, contar histórias que a história única pretendeu silenciar.¹² Afinal, há, sabemos, muitas outras cidades numa cidade. Muitas outras vidas que também contam. Contam porque narram e porque é preciso contá-las. E contam, sobretudo, porque importam, porque é preciso ouvi-las.

¹⁰ Evoco aqui a canção “Massemba”, composta por Roberto Mendes e José Carlos Capinam e gravada por Maria Bethânia no CD “Brasileirinho” (2003).

¹¹ Tal como previsto no projeto, tanto o mapeamento como as diversas outras informações sobre os coletivos, está disponível no site da Rede ao Redor: www.redeaoredor.com.br/

¹² Com “história única” aludo, claro, à hoje amplamente conhecida palestra da escritora nigeriana Chimamanda Adichie na plataforma TED: <https://www.youtube.com/watch?v=ZUuLRiZWtEY>

Assim, para o mapeamento, criamos um formulário que foi compartilhado via e-mail, aplicativos de mensagens e redes sociais com os coletivos contatados. Evidentemente, nem todos os coletivos atenderam a esse chamado. Afinal, para muitas comunidades, seguem presentes as memórias de práticas extrativistas protagonizadas por pesquisadoras/es cujo respeito e cujo amor eterno por aquelas comunidades se esvai assim que o trabalho é finalizado... Mas pouco a pouco passamos a contar com a compreensão e a colaboração de diversos desses coletivos, que são hoje parceiros em diversas atividades de ensino e de extensão.

Na primeira sistematização do levantamento iniciado em 2016, identificamos pouco mais de cem iniciativas idealizadas e lideradas por jovens de bairros periféricos.¹³ Entre as linguagens artísticas, predominam iniciativas dedicadas à poesia. Deste modo, destacam-se saraus e *slams*, que são realizados quinzenal ou mensalmente nos mais diversos espaços dos respectivos territórios. Ante a obscena escassez de equipamentos culturais nas periferias, esses coletivos ocupam praças públicas, becos, bares, quintais, escadarias, salões de igreja, além de atuarem também em transportes coletivos.¹⁴ Saraus são, aliás, espaços de fortalecimento de laços comunitários, de acolhimento, de formação e, especialmente, de letramentos diversos.

O ingresso - via políticas afirmativas - de novas/os sujeitos epistêmicos nas universidades públicas (entre elas/es, integrantes daqueles coletivos) vem contribuindo de modo contundente não apenas com a ampliação do cânone artístico e teórico com o qual se trabalha, mas vem promovendo também mudanças substanciais nos modos de produção e difusão do conhecimento. E muito do repertório com o qual essas/es estudantes chegam à universidade vem dos saraus.

Saraus se configuram, deste modo, como “treta de campo minado / tipo Canudos, Contestado / contestamos o Estado / da Chibata, da Armada, dos Malês / da Cabanagem” (Jesus, 2018, p. 91). Estes são versos de Kuma França que fazem parte de uma das muitas e tantas publicações feitas a partir do que se ouve-vive nos saraus de Salvador.¹⁵ É, portanto, nesses saraus onde muitas/os jovens passam a conhecer episódios e personagens fundamentais de nossa história que foram omitidos dos manuais didáticos e dos programas dos cursos: “Meu nome é Dandara,

¹³ Uma apresentação mais detalhada do mapeamento foi publicada em Bonfim *et al* (2022)

¹⁴ E, embora a poesia dos saraus seja hoje presença constante em salas de aula de todo o país, as escolas públicas, potenciais espaços culturais abertos à comunidade nos fins de semana, curiosamente seguem alheias às demandas desses coletivos.

¹⁵ Especificamente sobre os saraus de Salvador, publicamos, em parceria com as poetas Rool Cerqueira, Jamile Santana e o também poeta e editor Valdeck Almeida de Jesus, o artigo “Salvador > saraus: quilombismos” (Cerqueira, Rool; Bonfim, Carlos *et al.*, 2019)

Aqualtune, Zumbi, Steve Biko, Lélia Gonzalez, Maria Filipa, Akotirene, Malcon X, Luther King, Nzinga, Nelson Mandela... Prazer em conhecer, meu nome é Favela", como se ouve no poema de Negreiros Souza (Jesus, 2018, p. 118).

Sobre os saraus, muito vem sendo escrito nos últimos anos. A contundência e o impacto dessas iniciativas que transcendem os territórios em que se gesta essa literatura vem oferecendo fecundos subsídios para - como apontou a antropóloga Érica Peçanha do Nascimento - se refletir sobre "o papel social das obras literárias, a universalização da escrita e da leitura, a necessidade da ampliação do número de leitores e o lugar dos grupos marginalizados na literatura brasileira." (Nascimento: 2012:22)

O livro em que foram publicados os poemas mencionados acima integra um já significativo e nutrido acervo que vem se ampliando a cada ano. Seja via publicações autônomas, seja via editais públicos de fomento à leitura e à literatura, estes poemas passam pouco a pouco a ocupar seu espaço em cursos, em bibliotecas comunitárias, mas passam sobretudo a fazer parte da memória e do repertório das comunidades em que se gestam.

Com o propósito de termos um retrato mais detalhado do que vem sendo feito pelos coletivos contatados no mapeamento inicial, demos início nos últimos anos a três subprojetos: com recursos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão Universitária (PIBIEX), elaboramos um plano de trabalho que previa levantamentos mais específicos:

a) sobre publicações de escritoras/es das periferias de Salvador; b) sobre produções acadêmicas (trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses) que abordassem temáticas relacionadas às periferias; e c) sobre os coletivos de comunicação criados e sediados nas periferias da cidade.¹⁶

No que se refere às publicações literárias, foram identificadas pouco mais de 50 obras, entre as quais se destacam antologias que trazem uma breve mostra da literatura produzida nos territórios. Assim, o já citado livro *Poéticas Periféricas - Novas Vozes da Poesia Soteropolitana*, organizado pelo também poeta e editor Valdeck Almeida de Jesus, traz o trabalho de 100 poetas que atuam nas periferias da cidade. Do mesmo modo, os livros *O Diferencial da Favela - Poesias*

16 Registro aqui o reconhecimento e o agradecimento às estudantes integrantes do projeto Rede ao Redor que se encarregaram da execução destes planos de trabalho: Bruna Natalia Afonso de Souza, Cristina Ribeiro, Jener Augusto Mendes, Mariana Moreno, Marise Urbano, Nine Quentin, Silvana Rezende e Verena Vieira, bem como a todas as demais pessoas que integraram o projeto em suas diferentes fases.

e *Contos de Quebrada* e *A poesia cria asas*, editados pelo Sarau da Onça, trazem também uma seleção de poemas criados por artistas do bairro. Também o Slam das Minas BA lançou em 2022 a compilação *Ancestralitura - Poemas com Mel e Dendê*, livro com o qual inauguraram o próprio selo literário. Como disse acima, parte considerável dessas publicações foi realizada a partir de recursos oriundos de editais públicos. E isto poderia ser lido, claro, como generosa e atenta atuação do Estado. Mas, tal como busco argumentar aqui, mais do que uma suposta legitimação vinda do poder público e/ou de instituições educativas e culturais, são as incisivas e sustentadas reivindicações dos coletivos ao longo dos anos o que tem surtido evidentes e frutíferos efeitos. E, além das edições custeadas com recursos públicos, circulam também publicações realizadas em brochura por pequenas editoras independentes, como é, por exemplo, o caso dos livros *Eri Okan* e *Akkani*, do Poeta Revolução, que – como se adverte já nos títulos – difunde com seus poemas nomes, personagens, símbolos das tradições africanas e afrobrasileiras. Embora seja evidente a predominância de livros de poesia, há nessas publicações uma variedade de gêneros – que incluem também contos e crônicas, por exemplo. No que se refere à temática, são publicações que dão forma às justas indignações de um segmento da população que, como vimos, vive cotidianamente os desafios de ser jovem, negra/o e periférica/o. Assim, destacam-se textos que abordam tanto o racismo, a violência policial, a homofobia e transfobia, o patriarcado, quanto o amor, o vínculo com o território e a ancestralidade. E, dado que estamos falando de uma juventude que com frequência celebra o fato de ter superado a fatídica idade em que, como vimos, se corre o risco de virar estatística, cada novo livro lançado é celebrado com entusiasmo pelos coletivos. Afinal, são nomes, rostos, corpos, vidas que nos jornais figuram agora – e cada vez mais – nas páginas culturais. E que estão presentes ainda nos mais diferentes espaços. Com seus livros na mochila, essas/es poetisas vêm circulando pelo estado e pelo país¹⁷, participando de saraus e oferecendo oficinas em escolas públicas, além de serem presenças centrais nas diversas festas literárias que se multiplicaram pelo estado nos últimos anos – festas também realizadas com recursos de editais públicos.

Já no que diz respeito às produções acadêmicas, o esforço concentrou-se em contrastar dois períodos de nossa história recente: de 2002 a 2012 e de 2013 a

¹⁷ E mais recentemente, também pelo mundo. De Salvador, o Slam das Minas e o coletivo Juventude Ativista de Cajazeiras estiveram, entre 2024 e 2025, em diferentes cidades angolanas, participando de mostras artísticas, apresentação de publicações e oferecendo oficinas diversas. De outros estados brasileiros estão as/os poetisas que viajaram como representantes do Brasil na Copa do Mundo de *poetry slam* (poesia falada), em Paris, França.

2023. O recorte temporal diz respeito aos anos anteriores e posteriores à implementação de políticas afirmativas nas universidades públicas do país. Os dados foram coletados inicialmente junto ao repositório institucional da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e da Universidade Estadual da Bahia (UNEB).¹⁸ Nesse levantamento inicial, identificamos um total de 86 publicações: entre 2002 e 2013 foram realizados 7 trabalhos de conclusão de curso, 12 dissertações e 5 teses. Já entre 2013 e 2023 foram realizados 7 trabalhos de conclusão de curso, 33 dissertações e 16 teses - o que revela um aumento expressivo na produção acadêmica sobre temas ligados às periferias, com ênfase nas áreas de Educação, Arte, Cultura e Território. No que diz respeito às temáticas abordadas nesses estudos, destacam-se, de 2002 a 2012, produções que focaram em temas como violência urbana, questões habitacionais e educação primária. Já entre 2013-2023, a gama de temas também se amplia consideravelmente: encontram-se estudos que abordam tanto saraus e *slams* (como práticas artísticas e como vetores de educação), quanto o cinema feito nas periferias, bem como questões ligadas ao pertencimento territorial, às resistências culturais e suas tecnologias, assim como a incidência (ou a ausência) de políticas públicas nas periferias. Destaque-se ainda a considerável ampliação e pluralização das referências teóricas: emerge nesses trabalhos uma série de autoras/es e de abordagens que, embora guardem estreitos vínculos com as realidades das periferias e com a parcela subalternizada de nossas cidades, tinham escassa presença nesses trabalhos.

Como mencionei anteriormente, sobre os coletivos de comunicação (que se definem como autônomos, comunitários, periféricos, livres, independentes) publicamos em 2019 um primeiro ensaio no qual enlaçamos os 14 coletivos contatados em Salvador a uma vigorosa rede nacional de coletivos afins. Afinal, embora cada território tenha suas especificidades, esses coletivos compartilham agendas que têm diversas confluências, a exemplo das lutas antirracistas, antipatriarcais, anticapacitistas, a defesa de direitos, bem como o combate à perpetuação de estigmas. Mas não apenas. Além das necessárias e urgentes denúncias, além das reivindicações todas, há também um compromisso com a divulgação da vigorosa produção artística e cultural desses territórios. Considerando o que disse acima sobre os índices de homicídio das juventudes negras e periféricas, vale destacar, por exemplo, o Portal Soteropreta, criado em 2016, em Salvador. Trata-se de um

¹⁸ Embora o estado da Bahia conte com outras universidades (públicas e privadas), o tempo de duração da bolsa não permitiu ampliar o escopo da pesquisa. E nos concentramos, nesse primeiro momento, em duas universidades localizadas na cidade de Salvador. O trabalho, portanto, segue em curso.

portal que se volta prioritariamente, como se lê em sua página, “para a produção cultural (Artes, Música, Teatro, Audiovisual, Memória, Dança, Formação, Literatura, Religião, Gastronomia, Moda, Políticas Culturais, etc) soteropolitana construída, formada, mobilizada e destinada à comunidade negra de Salvador.”

¹⁹ Assim, ao destacar pretagonismos,²⁰ ao fazer circularem notícias que habitualmente recebem escassa atenção na mídia hegemônica, estas iniciativas incidem diretamente na autoestima e contribuem de modo significativo com o processo de formação estética e política de seu público.

E, de modo similar ao que fazem poetas dos saraus, também os coletivos de comunicação – sabedores do efeito multiplicador de suas iniciativas – oferecem oficinas de formação que incluem tanto a produção situada de notícias, quanto o letramento midiático. Este é, por exemplo, o caso da Cipó Comunicação Interativa, uma ONG que atua há mais de 35 anos junto a jovens de bairros empobrecidos de Salvador. Localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador, o Centro Comunitário Multimídia, da Cipó, “atua na garantia de direitos de crianças e adolescentes por meio do uso educativo e democrático da comunicação e da participação juvenil.”²¹ Assim, como parte dos resultados desse trabalho, surgiram iniciativas como o Coletivo de Jovens Comunicadoras e Comunicadores do Subúrbio, a Agenda Cultural do Subúrbio e o coletivo Mojubá. E o trabalho de formação da Cipó fez nascerem ainda diversas outras iniciativas em diferentes bairros da cidade, a exemplo da Nordeste Eu Sou, uma revista eletrônica na qual circulam informações sobre “artistas, personalidades, grupos sociais e religiosos e qualquer outra entidade situada/proveniente da comunidade.”²² Um dos bairros mais populosos de Salvador, o Nordeste de Amaralina dá nome a um complexo formado, além do próprio Nordeste, pelos bairros da Santa Cruz, Chapada do Rio Vermelho e Vale das Pedrinhas, que são, evidentemente, também alvo constante de estigmatizações. Daí que a forma encontrada para combater tais estigmas foi “reunir informações sobre esporte, lazer, cultura e entretenimento [...] visando o respeito e buscando mostrar o outro lado da moeda.” (NES, s.d).

Além da divulgação do trabalho realizado por esses coletivos, o propósito deste levantamento de coletivos de comunicação feito pela Rede ao Redor era, por um

¹⁹ Portal Soteropreta: <https://portalsoteropreta.com.br/>

²⁰ Adoto aqui o neologismo criado por Rodrigo França e Jonathan Raymundo em seu livro homônimo, e com o qual buscam destacar o protagonismo de pessoas negras na história do Brasil. (França; Raymundo, 2002)

²¹ Centro Comunitário Multimídia, Cipó Comunicação Interativa <https://cipo.org.br/agencia-de-comunicacao-do-suburbio/>

²² Nordeste Eu Sou: <https://nordesteusou.com.br/>

lado, divulgar tais iniciativas com o objetivo de fomentar alianças e de fortalecer esses coletivos; por outro, contribuir de alguma forma com os debates relacionados tanto ao direito à comunicação, quanto à definição de políticas públicas voltadas para esse segmento.

Já no que se refere às atividades de ensino, temos promovido e fomentado visitas aos territórios e aos espaços onde atuam os coletivos; algumas de nossas aulas acontecem nesses espaços. Temos também recebido em nossas aulas integrantes daqueles coletivos, que compartilham suas experiências com as/os estudantes através de aulas abertas, de oficinas e de mostras artísticas dialogadas.

Além de subsidiar a cada semestre as aulas dos componentes curriculares Estudos das Culturas e Teorias das Culturas (componentes obrigatórios do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades), bem como Cultura e Espaço Urbano (disciplina da pós graduação), o mapeamento foi, do mesmo modo, a base para a realização do curso internacional *De las desigualdades a las diversidades. Prácticas artísticas en las periferias de América Latina y el Caribe*, que foi oferecido em modalidade *on line*, em parceria com a Profa. Dra. Lucía Tennina, da Universidad de Buenos Aires, pelo Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) em 2022.2. O curso contou com a participação de pesquisadoras/es, mediadoras/es e agentes culturais de sete países latino-americanos. O mapeamento é também a base a partir da qual realizamos anualmente, desde 2020, o curso de extensão *A periferia é o centro: ofensivas culturais emancipadoras* – que é realizado também em parceria com os coletivos. Oferecido uma vez ao ano, este curso tem seus conteúdos definidos a partir do que emerge do mapeamento e das interlocuções com os coletivos.

Assim, inspiradas/os em iniciativas como o Encontro de Saberes, idealizado por José Jorge de Carvalho, da Universidade de Brasília, bem como em diversas outras iniciativas afins,²³ este curso conta com a participação a/efetiva de integrantes dos coletivos nas aulas e nas demais atividades realizadas ao longo do semestre. Destaco, a título de exemplo, a parceria que temos desde 2022 com a *newsletter* Entre Becos. Formada naquele mesmo ano por Rosana Silva, Gabrielle Guido, Brenda Gomes e Bruna Rocha, que haviam participado de um curso de formação

23 Entre elas a Universidade das Quebradas, projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Internacional das Periferias (Uniperiferias), também do Rio de Janeiro, a organização/movimento argentino La Poderosa e muitas outras.

oferecido pela Agência Mural, de São Paulo,²⁴ a Entre Becos circula gratuitamente via web e produz reportagens “das e para as periferias da cidade de Salvador”.²⁵

Pois bem, temos no curso *A periferia é o centro: ofensivas culturais emancipadoras* um módulo no qual abordamos o tema “Comunicação e Periferias”, cujo propósito é discutir a produção de estigmas e, sobretudo, apresentar o trabalho que vem sendo realizado por aqueles coletivos. Deste modo, além de termos realizado rodas de diálogo e aulas abertas com integrantes dos coletivos de comunicação parceiros, convidamos as integrantes da Entre Becos para que realizassem com a turma a oficina “Jornalismo local: o mapa afetivo como ferramenta para contar histórias”. Iniciava-se ali uma parceria que se fortalece a cada ano - uma parceria que inclui a publicação de alguns dos textos escritos por nossas/os estudantes em edições especiais da Entre Becos²⁶ e que, esperamos, possamos em breve reunir em um livro que passará a compor o acervo com o qual realizamos nossas ações de extensão.

E a propósito de extensão, vale destacar ainda uma última ação que é outro dos desdobramentos do mapeamento: o Encontro de Artes nas/das Periferias, que teve como antecedente um Festival Internacional realizado em 2015, também em Salvador. Em parceria com a já mencionada Cipó Comunicação Interativa, realizamos o *Festival Negramérica: cultura e periferia*, que reuniu em Salvador diversos coletivos de jovens de diferentes municípios da Bahia e de outros estados brasileiros. Contou ainda com a participação de três coletivos convidados: Culebrón Timbal, da Argentina, Colectivo Azúcar, do Equador e Escuela Audiovisual de Belén de los Andaquíes, da Colômbia, que ao longo de uma semana vivenciaram uma programação que contemplou mostras artísticas, seminários, oficinas e outras atividades formativas. Este foi o embrião do que em 2017 ganharia forma como Encontro de Artes nas/das periferias, este, já resultado do mapeamento iniciado em 2016 pela Rede ao Redor. A primeira edição desse Encontro, que contou com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (Proext/UFBA), foi realizada em parceria com o Sarau da Onça, de Sussuarana, com a Juventude Ativista de Cajazeiras (JACA),

24 A Agência Mural (<https://www.agenci mural.org.br/>) uma agência de jornalismo das periferias, realizou em 2022 um curso itinerante que passou por diferentes capitais do Norte e do Nordeste brasileiro. Oferecido de forma gratuita, o curso visava formar correspondentes da Agência em diferentes regiões do país – o que também dá conta da rede mais ampla da qual trato neste escrito.

25 Aqui, o link para a página da Entre Becos: <https://entrebecos.substack.com/>

26 Algumas das crônicas produzidas por nossas/os estudantes podem ser lidas nestes links: <https://entrebecos.substack.com/p/edicao-especial-o-menino-que-queria>
<https://entrebecos.substack.com/p/edicao-especial-conversa-alheia>
<https://entrebecos.substack.com/p/edicao-especial-silencios-no-nordeste>

a Biblioteca Comunitária do Calabar e o Centro Cultural Plataforma, no Subúrbio Ferroviário de Salvador. Foram realizadas cinco ações, uma a cada mês, de junho a novembro de 2017. Cada ação aconteceu num espaço (sede de cada coletivo) e num bairro diferente da cidade e contou sempre com ao menos um artista ou coletivo anfitrião e outro(s) visitante(s) convidado(s).

A segunda edição do Encontro de Artes nas/das periferias aconteceu em 2022 e contou também com o apoio da Proext. Foram realizadas quatro ações, uma ao mês (de setembro a dezembro de 2022), nos espaços dos coletivos parceiros/anfitriões: Sarau da Onça (Sussuarana), Quilombo Aldeia Tubarão (Tubarão/Paripe), Juventude Ativista de Cajazeiras (Cajazeiras) e Sarau do Ghetto (São Caetano). De modo similar à primeira edição, a curadoria foi realizada em parceria com os coletivos anfitriões, que trabalharam também na mediação, na condução das oficinas e na mobilização do público local.

Nas duas edições do Encontro, a programação incluiu ações de formação (oficinas, rodas de diálogo e mini-cursos) e de fruição (saraus, shows musicais, exposição de fotografias e de desenhos, performances e exibição dialogada de curta-metragens produzidos pelos coletivos). Contamos, do mesmo modo, com uma feira de roupas e de acessórios de marcas das periferias (entre elas: Saruababla, Empoderamente (turbantes), Agô Nilê Vestuário, Coisa de Preto, Faverlarts Africanas, entre outras) e com a exposição e venda de livros de poesia editados pelos coletivos, além de alimentação, providenciada por produtoras/es locais.²⁷

Pois bem, feita esta breve aproximação ao que vem se tecendo nas periferias de Salvador, discuto a seguir como temos – nós da Rede ao Redor – lido, pensado, compreendido as práticas artísticas mencionadas ao longo deste escrito.

“PRA ENSINAR MEUS CAMARADA”: PEDAGOGIAS DE VAGALUMES

*Meu gueto precisa de amor
Em vez de furar viatura
Meus pívete vão virar doutor
(Ravi Lobo)*

*No escuro porão eu vi o clarão
Do giro do mundo
(Capinam/Roberto Mendes)*

²⁷ Os vídeos-síntese das duas edições do Encontro de Artes nas/das periferias estão disponíveis em nosso canal no Youtube: www.youtube.com/watch?v=8Z6fVXeoC7A&t=5s

Começamos com estes versos de Indemar Nascimento, poeta e agitador cultural em Itapuã, Salvador: “Quantos Kings morrem de bala antes de serem ouvidos? / quantos Mandelas na Peri são confundidos com bandido? Quantas Dandaras são violentadas? Quantas Assata Shakur são exiladas?” (Jesus, 2018, p. 69-70).

Embora pareça óbvio, a formação que de um modo geral recebemos em nossa vida escolar, nos levaria a discutir, a partir desses versos, as consequências do genocídio em curso nas periferias apontado nas primeiras páginas deste texto. E, sim, o poema aborda este tipo de questões. E sobre elas precisaremos voltar ainda muitas vezes. Menos frequente, no entanto, é a percepção de que estamos ante versos escritos por um dos jovens que nasceram e cresceram justamente naqueles territórios violentados, precarizados; territórios nos quais habitam jovens cujas perspectivas de vida não contemplariam, como vimos, espaço para as artes. Jovens negros, periféricos, escrevendo poemas, cantando, bailando. Como procurei discutir acima, entre silenciamentos, interdições e desdém pelo que é gerado nesses chamados subsolos sociais, cristalizaram-se estigmas de todo tipo. Daí que práticas artísticas como as que abordo aqui provoquem uma espécie de desconcerto: pretas/os, pobres, periféricas/os fazendo arte? (Re)elaborando estéticas? Produzindo conhecimento? “Quando ocorre a negação da negação, geram-se as perguntas de espanto”, afirma Mário Augusto Medeiros da Silva (2023, p. 19) em *A descoberta do insólito*, seu minucioso e atento estudo sobre a literatura negra e a literatura periférica produzida no Brasil entre 1960 e 2020. O “insólito” aqui, afirma, “é o resumo de perguntas, muitas vezes preconceituosas, frequentemente feitas por diversos autores, críticos, jornalistas e intelectuais quando do surgimento de [...] ativistas, intelectuais e escritores [negros e periféricos].” (Silva, 2023, p. 19) “Insólita” é ainda, para seguir com a provocação de Silva, a existência de um museu de artes na periferia de Salvador: o Acervo da Laje, idealizado por Vilma Santos e José Eduardo Ferreira. Combinando casa-escola-museu, este é, segundo se lê em sua página, um “espaço de memória, cultural e de pesquisa sobre o Subúrbio Ferroviário”²⁸. Como espaço educativo e museográfico, o Acervo da Laje conta com exposições de arte, oficinas, biblioteca, hemeroteca, e uma considerável coleção de discos e CDs. E, além das exposições itinerantes que realizaram ao longo destes anos por diversas cidades brasileiras, foram convidados para expor também na 3ª Bienal da Bahia e na 31ª Bienal Internacional de São Paulo,²⁹ ambas realizadas em 2014.

28 Acervo da Laje: www.acervodalaje.com.br/

29 Vale destacar, aliás, que o tema da 31ª Bienal Internacional de São Paulo foi justamente “Como falar de coisas que não existem”.

Ora, se durante a maior parte de nossa história, periferias e favelas foram percebidas e sobretudo produzidas pelo prisma da falta, das ausências, as últimas décadas têm se caracterizado por mudanças substanciais nos modos como são lidos/percebidos esses territórios e as pessoas que ali habitam. Jailson de Souza e Silva e Jorge Luis Barbosa, criadores do Observatório de Favelas, no Rio de Janeiro, apontam o que definem como a passagem do paradigma da carência para o paradigma da potência, do paradigma da hostilidade, para o da convivência. (Barbosa, Silva, 2020) Novamente, isto não significa nem que as tensões e os problemas vividos naqueles territórios tenham sido superados, nem que essa mudança de paradigmas seja uma realidade para todas/os. Situações como as mencionadas nos primeiros parágrafos deste escrito, bem como os dados publicados pelo Atlas da Violência o corroboram. Do mesmo modo, não se trata aqui de repetir acriticamente bordões do tipo “a favela venceu”. Mas – e este é um aspecto fundamental – é expressiva a mudança no modo como as/os próprias/os habitantes desses territórios se percebem e se posicionam hoje no mundo.

Não por acaso, fala-se com cada vez mais intensidade da emergência de *sujeitos/as periférico/as*.³⁰ Em sua tese de doutorado, defendida em 2013 e publicada como livro em 2022, Tiaraju Pablo D’Andrea examina detalhadamente os longos processos de transformação pelos quais passaram as noções de periferia, periférico/a e favela. E formula, assim, o conceito sociológico de *sujeitos/as periféricos/as*. Se entre as décadas de 1970 e 1980, estes eram termos empregados por determinados grupos para referir-se particularmente a situações geográficas e sociais, foi, de acordo com D’Andrea, entre os anos 1990 e 2000, que a disseminação, bem como o giro semântico destas noções se intensificou. E uma das modificações diz respeito à compreensão e à utilização dos termos *periferia* e *favela* como “um posicionamento político na sociedade e uma forma de ver o mundo.” (D’Andrea, 2022, p. 233-4) Há, prossegue este autor, em sintonia com a percepção de Barbosa e Silva (2020), mencionada acima, uma passagem “do estigma ao orgulho, da fragilidade à potência” – uma passagem que ocorre em sin(cr)t(onia com os diversos “levantes de vozes subalternizadas por meio da defesa de signos culturais e étnico-raciais.”³¹ (D’Andrea, 2022, p. 234) Ainda segundo D’Andrea,

30 Em seu trabalho, D’Andrea, faz a seguinte precisão: termos como *favela*, *periferia* e *sujeitos/as periféricos/as* são grafados em itálico quando se referem ao conceito sociológico por ele elaborado. Quando se referem ao território social e geográfico, vão sem itálico. (D’Andrea, 2020, p. 19) Acato, portanto, sua decisão sempre que me referir ao seu trabalho.

31 Há hoje um debate a respeito do que vem sendo nomeado, pejorativamente, vale destacar, como “identitarismo”. E o propósito é fundamentalmente desqualificar esses levantes. Dada a limitação de espaço aqui, a discussão necessária sobre este tópico será feita em próximos trabalhos.

tais *sujeitas* e *sujeitos periféricos* (como indivíduos ou coletividades) se caracterizam como protagonistas de processos diversos, que incluem, entre outros: o uso político do conceito de *periferia*; uma atuação nos espaços periféricos com vistas à melhoria das condições de vida de sua população; a organização em coletivos; a sistematização da própria história e, assim, a possibilidade de “prescindir de mediadores na política, na academia, no jornalismo, na arte, entre outras esferas” e uma atuação política a partir das artes. (D’Andrea, 2022, p. 239-241)

Pois bem, além de organizar-se a partir de coletivos e de atuar prioritariamente junto às suas comunidades – algo que em tempos de exacerbação neoliberal dá conta também de outro eloquente dissenso – estas juventudes, essas/es *sujeitas* e *sujeitos periféricos*, acionam, explícita ou veladamente, deliberada ou inconscientemente, saberes que vêm de antes. Me refiro aqui ao longo histórico de insurgências e de sagacidades que permitiram que povos subalternizados pudessem desenvolver tecnologias a partir das quais resistir e re-existir, a partir das quais produzir vida. Penso, por exemplo, no que nos informam as contribuições de Beatriz Nascimento e de Abdias Nascimento a respeito dos quilombos. Beatriz Nascimento discute quilombo como instituição e como símbolo de resistência étnica, cultural e política (Nascimento, 2021, p. 166); se configura, portanto como um processo dinâmico, como um “processo de ação, atividade, conduta” (Nascimento, 2021, p. 248). Numa direção similar, Abdias Nascimento elabora a noção de quilombismo para caracterizar formas mais sutis e sagazes de insurgência - formas que, sob a mira ostensiva de regimes de violência, operam nas frestas da vida cotidiana, como, na leitura que proponho, ocorre com boa parte dos coletivos que mencionei ao longo deste trabalho. Aponta assim Abdias uma “rede de associações, irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afoxés, escolas de samba, gafieiras” [que] foram e são os quilombos legalizados pela sociedade dominante”, e que se constituem como “genuínos focos de resistência física e cultural” (Nascimento, 2009, p. 203). Tal como discutido em trabalhos anteriores (Cerqueira, Rool; Bonfim, Carlos *et al.*, 2019; e Bonfim, 2023), os coletivos sobre os quais escrevo aqui, vêm vivendo, praticando, ensinando quilombismos.³² E o fazem, como disse, acionando saberes que são resultado de longos processos de maturação. Falo aqui, por exemplo, de saberes que Majid Rahnema e Jean Robert (2008) chamam de “potência dos pobres” e James Scott (1985) de “armas do fraco”. Saberes que dão conta de uma série de práticas de resistência cotidiana, que “geralmente evitam

32 Não por acaso, “aquilombamento” é um dos termos com os quais são nomeados de modo recorrente os encontros nos quais se realizam as atividades aqui apresentadas.

qualquer confrontação simbólica direta com as autoridades ou com as normas da elite”. (tradução própria de Scott, 1985, p. 38) Isto é, saberes gestados a partir de baixo, por quem recebe as ordens, por quem precisa mover-se “dentro do campo de visão do inimigo [...] e no espaço por ele controlado” (De Certeau, 1998, p.100-104). Trata-se, em síntese, de uma série de táticas a partir das quais se gestam as insurgências. E táticas são, ainda na formulação de Michel de Certeau (1998, p.100-104), “gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades das manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos”.

Não obstante, embora seja evidente que são formas sutis e potentes de resistência, considero que estamos ante práticas que vão além do caráter mais reativo e se configuram também e sobretudo como *ofensivas culturais emancipadoras*. Ofensivas que, sagazes e sabedoras das assimetrias todas, conhecedoras do “esquema tático do jogo”, operam dribles diversos. Com “drible” aqui, me refiro a “um modo de encontrar saídas, alternativas para a interdição de espaço”, tal como discute o filósofo Renato Noguera (2002, s.p.) ao abordar a produção de conhecimentos a partir do afroperspectivismo. Dribles, gingas, astutas artimanhas, táticas com as quais se disseminam dissensos e se organizam lutas. Ou, para dizê-lo com um dos versos dos Racionais, em “Negro Drama”, “entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu”. (Racionais, 2002)

Falo, portanto, de juventudes que, ante interdições, buscam brechas, tramam táticas, dribles; que ante apagamentos, tecem memórias, ampliam repertórios; juventudes cujas ações se tecem no “espaço do acontecer solidário” (Santos 1992, p. 21), que é onde, ainda segundo Milton Santos, “reside a única possibilidade de resistência aos processos perversos do mundo, dada a possibilidade real e efetiva de comunicação, portanto de troca de informações, portanto de construção política” (Santos, 2005, s.p.). Uma troca de informações e uma construção política que se tece, como busquei argumentar aqui, a partir das artes, da comunicação situada, a partir de letramentos diversos, de solidariedades, de práticas amorosas de cuidado (bell hooks, 2021). Sem esquivar ou omitir as interdições e as muitas e múltiplas violências cotidianas, sem ignorar as barreiras invisíveis mencionadas acima, antes, *justamente* por estas questões, essas juventudes terminam sendo a constatação empírica de esperanças, de utopias. Os espaços ocupados pelos coletivos, as ações por eles organizadas, os modos como se organizam, se oferecem também como pedagogias. Dão contorno a um conjunto de saberes insubmissos tecidos ao longo de séculos. São, “pequenas e efêmeras insurreições [que] com suas estéticas de atitude” (Barbosa, 2020, p. 115) difundem conhecimentos, partilham

afetos, criam comunidade, promovem letramentos diversos: aprendem a ler pra ensinar as/os camaradas, retomo aqui o verso de “Massemba” que dá título e inspira este escrito. Tal como sugere Georges Didi-Huberman a partir de textos escritos por Pier Paolo Pasolini nos anos 1970 (Didi-Huberman, 2011, p. 28), são locais de esperança, ante “um movimento geral de enfraquecimento cultural que ele [Pasolini] define por meio da expressão “genocídio cultural”.³³ Mas é na “noite mais profunda” que emergem pequenas, frágeis luzes que “iluminam a noite com alguns lampejos de pensamento” (Didi-Huberman, 2011, p.28). São essas pequenas, intermitentes luzes dos vagalumes as que terminam sendo potente metáfora sobre os esperanças que nos acenam na longa noite. Assim, de modo similar aos vagalumes, as artes “terminam sendo essa dança que – mesmo fugaz e frágil - resiste ao mundo do terror” (Didi-Huberman, 2011, p.27).

Ora, se, tal como propõe Lefebvre, o direito à cidade “se afirma como um apelo, como uma exigência”, (Lefebvre, 2001, p. 117), e se falar de direito à cidade, é falar de “direito aos lugares de encontro e de trocas, aos ritmos da vida, e empregos do tempo, permitindo o uso pleno e inteiro destes momentos e lugares (Lefebvre, 2001, p.146), então podemos reconhecer que o trabalho que vem sendo realizado pelos coletivos das periferias de nossas cidades corrobora o que há tempos anunciava Milton Santos a respeito do que ele chamou “revanche da periferia” (Santos, 2005). Uma revanche que, pelo que temos constatado ao acompanhar de perto o que vem se tecendo nas periferias, nos “abajos” de nossas cidades, se organiza a partir da indignação, sim, mas também com a alegre rebeldia de quem – ante o medo, o ódio, ante políticas de extermínio - celebra a vida. Artes que, em alegre rebeldia, fazem luta e fazem bundas balançarem.³⁴

REFERÊNCIAS

- Bethânia, Maria (2003). *Massemba*. *Brasileirinho*, Rio de Janeiro: Quitanda/Biscoito Fino.
- Bonfim, Carlos; Hercog, Bruna Pegna; Acácio França, Natureza; Vieira, Verena. (2022) Rumo a uma epistemologia das quebradas. *Pragmatizes-Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, v. 12, p. 245-269.

33 “O “verdadeiro fascismo”, prossegue Didi-Huberman a partir de Pasolini, “é aquele que tem por alvo os valores, as almas, as linguagens, os gestos, os corpos do povo. (Didi-Huberman, 2011, p. 29)

34 Com a devida licença poética, faço aqui uma glosa aos versos de Rincón Sapiência em “Mete Dança”: “faço luta e faço bundas balançarem”. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X5p7zyQgAok>

- Bonfim, Carlos (2023). Nuestros pasos vienen de lejos: Abdias Nascimento, el quilombismo y una pedagogía de luciérnagas. *Liminar Estudios Sociales y Humanísticos*, v. XXI, p. 24-48.
- Barbosa, Jorge Luiz. (2020) Território e territorialidades em redes de culturas globais: juventudes de favelas e periferias em suas estéticas de atitude. In: Carneiro, Juliana; Baron, Lia (orgs.) *Cultura é território*, Niterói: Niterói Livros, p. 96 -121.
- Brasil (2021). Conselho Nacional do Ministério Público. *Manual de atuação para membros do Ministério Público em crimes violentos letais intencionais*. Brasília: CNMP.
- Cerqueira, Daniel; Bueno, Samira. (2024) *Atlas da violência*. Brasília: Ipea/FBSP. Recuperado de: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>
- Cerqueira, Rool; Bonfim, Carlos *et al* (2019). Salvador > saraus: quilombismos. In: Dalcastagnè, Regina; Tennina, Lucía (coords.), *Literatura e periferias*. Porto Alegre: Zouk.
- D'Andrea, Tiaraju Pablo (2022). *A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo*. São Paulo: Editora Dandara.
- Didi-Huberman, Georges, (org.) (2017). *Levantes*. (trad. Jorge Bastos; Edgard de Assis Carvalho), São Paulo: Sesc.
- Didi-Huberman, Georges (2011). *Sobrevivência dos vaga-lumes*, (tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- França, Rodrigo; Raymundo, Jonathan (orgs.) (2022). *Pretagonismos*. Rio de Janeiro: Agir.
- hooks, bell (2021) *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. (trad. Stephanie Borges). São Paulo: Elefante.
- Jesus, Valdeck Almeida de [org] (2018). *Poéticas Periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana*. Vitória da Conquista: Editora Galinha Pulando.
- Lefebvre, Henri. *O direito à cidade* (2001). (trad. Rubens Eduardo Frias) São Paulo: Centauro.
- METE DANÇA. Rincón Sapiência. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X5p7zyQgAok>
- Nascimento, Abdias do (2009). "Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira". In: Nascimento, Elisa Larkin (org.) *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, p. 197 – 218
- Nascimento, Beatriz (1982). *Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso*. Estudos AfroAsiáticos, Rio de Janeiro, v. 6-7, p. 259-265.
- Nascimento, Beatriz (2018). *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: União dos Coletivos Pan-africanistas.

- Nascimento, Érica Peçanha do (2012). “Produzir, publicar e difundir: a experiência dos escritores da periferia de São Paulo”. In: Facina, Adriana, et al (org.) *Poesia Favela in livro*. Rio de Janeiro: Encarte.
- Negro drama. Racionais. (2002) In: *Nada como um dia após o outro dia*. Racionais. São Paulo: Cosa Nostra. CD1, faixa 5.
- Nogueira, Renato (s.d.). *O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol brasileiro e do epistemicídio na filosofia*. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-conceito-de-drible-e-o-drible-do-conceito-analogias-entre-a-historia-do-negro-no-futebol-brasileiro-e-do-epistemicidio-na-filosofia/>. Acesso em 7 de março de 2022.
- Pânico na Zona Sul. Racionais. (1991). In: *Holocausto Urbano*. Racionais. São Paulo: Zimbabe Records. CD, faixa 1.
- Ramos, Silvia et al (2024). *Pele alvo: mortes que revelam um padrão*. Rio de Janeiro: CESeC.
- Rahnema, Majid; Robert, Jean (2008). *La potencia de los pobres* (trad. Carmen Díaz-Aranda & Javier Calderón). Chiapas: CIDECI/UNITIERRA.
- Ratts, Alex (org.) (2021). *Beatriz Nascimento. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombolas e movimentos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Santos, Milton (1992). *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico e Informacional*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, Milton (2005). O retorno do território. In: *OSAL: Observatorio Social de América Latina*. Ano 6 no. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLACSO. Recuperado de: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>.
- Scott, James C (1985). *Weapons of the weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. London: Yale University Press.
- Silva, Jailson Souza e; Barbosa, Jorge Luis (2020). *A favela reinventa a cidade*. Rio de Janeiro: Mórula.
- Silva, Mário Augusto Medeiros da. (2023) *A descoberta do insólito: literatura negra e periférica no Brasil (1960-2000)*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Silveira, Luísa Horn de Castro; Borda, Bibiana; Rocha, Cristianne Maria Famer (2021). *Barreiras invisíveis e mobilidade urbana*. Rio de Janeiro: Zahar.